

A diáspora judaica no período helenista: diálogos e tensões*

Aíla L. Pinheiro de Andrade, nj.

Resumo

Neste artigo abordaremos o conceito, o surgimento e os tipos de **diásporas** judaicas com enfoque apenas para o período helenista, também é propósito desta exposição mostrar as tentativas de diálogo que os judeus mantiveram com a cultura grega, e finalmente, quais as tensões resultantes do encontro entre essas duas cosmovisões.

Palavras-chave

Diáspora, helenismo, Alexandria, dinastia ptolomaica, dinastia selêucida.

1. Diáspora: terminologia e história

Em torno do ano 587 a.C a elite (nobres, intelectuais e artífices) do reino de Judá foi exilada para a Babilônia. A partir de 538 a.C uma parte dos exilados retornou para a terra de seus antepassados porque considerava como sendo principal tarefa preservar a pureza da religião sem a contaminação com elementos próprios do politeísmo, uma tarefa que exigia a separação estrita de todos os povos estrangeiros (Esd 10,11; Ne 9,2) com o objetivo de se observar rigorosamente a Lei de Moisés (Esd 7,10.26; Ne 10,29).

Contudo, a maioria dos exilados não voltou para a antiga pátria, entre vários motivos, por causa da prosperidade e da estabilidade econômica alcançada no exílio. Na Babilônia os deportados viviam organizados em famílias dirigidas por anciãos, nunca foram obrigados a trabalhos forçados, levaram uma vida de súditos livres, com suas casas próprias, plantações e comércios, alguns até chegaram a ocupar cargos administrativos elevados na corte babilônica. A Babilônia se transformou no maior e mais ativo centro judaico fora da terra de Israel por muito tempo.

A permanência dos judeus fora da terra de Israel foi designada, posteriormente, pelo termo grego **diáspora**, geralmente traduzido por **dispersão**, mas que denota semeadura.

Separar-se dos povos estrangeiros foi tarefa difícil de ser realizada¹, mesmo para quem voltou do exílio, especialmente quando a campanha vitoriosa de Alexandre Magno (333 a.C) uniu definitivamente o Oriente com o Ocidente. A vitória de Alexandre não foi apenas política, a língua grega tornou-se o idioma oficial do império. Também a cultura, a arte e o pensamento gregos foram impostos aos povos orientais. Mas, não houve somente a ocidentalização do Oriente, pois também o espírito grego foi profundamente modificado nesse contato e dessa simbiose surgiu uma cultura pseudo-grega, diferente, em muitos aspectos, da verdadeira cultura da Hélade.

* Conferência apresentada no II Colóquio de Literatura, História e Ciências da Religião, Fortaleza-Ce, outubro de 2013.

¹ RAINER, Kessler. *História Social do Antigo Israel*, São Paulo: Paulinas, 2009, p. 167-191.

Dessa forma, **helenismo** ou **helenista** são termos usados para expressar a assimilação, especialmente pelos judeus, do idioma, da cultura e dos costumes gregos, a partir do século IV a.C. até os primeiros séculos da era cristã.

2. A diáspora no período helenista

A diáspora judaica no período helenista não deve ser confundida com a diáspora Oriental (região da Mesopotâmia) e nem com aquela que se desenvolveu mais tarde no período romano (diáspora Ocidental). Trata-se da assimilação pelos judeus do estilo de vida grego iniciada no império macedônio e continuada durante o império romano. O período helenista tecnicamente surge com a derrota do império persa por Alexandre Magno (334-323), mas a influência grega já tinha começado muito antes disso através dos comerciantes que introduziram mercadorias e ideias do mundo helênico e dos mercenários gregos que haviam ingressado no exército persa.

A influência do helenismo sobre a vida judaica, não se deu apenas na diáspora. No leste da terra de Israel surgiu a Décapole, as dez *polis*, no lugar de antigas fundações semitas. A Décapole se tornou o centro de irradiação da cultura helênica naquela região. Os nomes de lugares foram helenizados, o mesmo se deu com o nome de pessoas. O helenismo invadiu tudo, até mesmo os principais redutos do judaísmo, modificando a organização política, as leis, as relações públicas, a arte, as ciências, a transformação de matérias-primas, afetando os âmbitos mais comuns da vida e das associações do povo. Essa influência não se limitou à aristocracia, mas esteve presente em todos os estratos da sociedade judaica, embora os aristocratas fossem os que mais lucrassem com essa situação por causa das vantagens resultantes da colaboração com os dominadores estrangeiros.

A cidade de Alexandria, fundada em 331 a.C. em homenagem a Alexandre Magno tornou-se um grande centro de aprendizagem e de difusão da cultura grega. Ali o judaísmo helênico floresceu em grande escala. Fator decisivo foi a migração voluntária de judeus em busca de riqueza ou de desenvolvimento cultural². Durante o domínio ptolomaico sobre os judeus (de 322 a 198 a.C.), uma grande comunidade judaica foi fundada em Alexandria sem grandes conflitos com os gregos.

Em Alexandria os judeus contavam com a proteção das leis civis, não eram cidadãos da *polis* nem o desejavam, pois teriam que renunciar à sua identidade judaica. Eles formavam um grupo distinto, classificados entre os *politai*³, abaixo dos gregos, no entanto, acima da população egípcia nativa. O inconveniente dessa situação era que ficavam à mercê do reconhecimento ou não por parte de cada monarca.

Por causa dessa situação, os judeus de Alexandria procuram o reconhecimento social através da produção literária na qual desejavam mostrar o valor de seu povo. Eles ergueram altos voos na filosofia para mostrar através de explicações alegóricas, provenientes principalmente do estoicismo, o valor das suas Escrituras e dos seus antepassados. Um fator muito importante foi o surgimento da versão grega das Sagradas Escrituras, a Septuaginta (LXX), a qual foi terminada durante o reinado de Ptolomeu VI (181-145 a.C.)⁴. A Septuaginta foi a necessidade mais urgente dos judeus helenistas, pois já não dominavam mais o idioma dos antepassados e, além disso, novos livros tinham sido escritos, originalmente em grego, para atender aos novos desafios.

² RAINER, Kessler, p. 206-208.

³ Hoje seria análogo a uma associação civil.

⁴ DORIVAL, Gilles; Marguerite HARL e Olivier MUNNICH. *La Bible grecque des Septante: du judaïsme hellénistique au christianisme ancien*, Paris: Cerfs, 1988, p.111.

3. Diálogos e Tensões

A dinastia dos ptolomeus no Egito se estendeu de 305 a 30 a.C. Contudo, sobre a terra de Israel governaram somente até o ano 198 a.C. quando se deu início o domínio selêucida.

A identidade judaica na diáspora helenista foi mantida, em grande parte, através da ética e da piedade (religiosidade)⁵. Enquanto para a maioria dos gentios o pensamento judaico soava como um fenômeno estranho, alguns simpatizavam com muitos códigos éticos da Lei mosaica. Vários aspectos da Lei encontraram um público receptivo entre os gentios, em parte por causa da decadência moral das divindades helênicas, mas também porque foi se desenvolvendo uma crescente admiração pelo monoteísmo.

3.1. Produção literária de justificação⁶

A influência que o helenismo exerceu sobre os judeus de Alexandria foi notável e durou por muitos séculos, mas foi expulsa “do acampamento” judaico pelo sentimento nacional despertado na revolta dos Macabeus durante a dominação selêucida sobre a terra de Israel. No Egito, ao contrário, as comunidades judaicas rabínicas floresceram e deixaram vestígios de que estavam entre os movimentos que fizeram de Alexandria um grande centro cultural.

A primeira preocupação dos judeus alexandrinos foi produzir obras literárias através das quais poderiam explicar seus costumes e religião de modo a serem aceitos pelos gregos. Ao enfatizar os valores comuns, e minimizar as práticas exclusivas do judaísmo, como a circuncisão, os judeus helenistas tentaram apresentar, através de vasta produção literária, a própria religião como algo universal. Mas, muitos judeus helenistas foram além dos limites de sua própria literatura e imitaram as obras de escritores gregos no domínio da história da poesia e da filosofia como, por exemplo, os escritos sapienciais.

Para a fé judaica, mesmo sob influência grega, a sabedoria não era compreendida como sendo o resultado da especulação intelectual apenas, mas relacionada, ou melhor, derivada da sabedoria divina e, portanto, automaticamente vinculada ao agente pelo qual Deus tinha dado ordem ao caos primitivo. Se a sabedoria era o princípio ordenador do cosmos, então adquirir sabedoria significava ter as diretrizes para uma vida ordenada em harmonia com o cosmos.

A palavra hebraica para sabedoria⁷ é *hokmah* e está relacionada a uma raiz que significa “habilidade” e sugere “habilidade para viver”. O sábio (*hakam*) era alguém que possuía maturidade ou sabia viver bem e devia transmitir esse conhecimento a outras pessoas. As preocupações dos sábios judeus eram, em grande parte, relacionadas com a vida cotidiana e os ensinamentos tendiam a ser profanos (seculares). Em termos gerais, os ensinamentos da sabedoria judaica são práticos em vez de teóricos, universalistas e não nacionalistas, humanistas e não teológicos. A religião não era negligenciada, ela apenas não era o enfoque dessas obras.

Entre as produções literárias dos judeus helenistas, destacam-se as seguintes obras⁸:

⁵ RAINER, Kessler, p. 225-227.

⁶ Obras nas quais os judeus se utilizam do estilo e idioma gregos para dar a conhecer a grandeza de sua cultura e sabedoria.

⁷ VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e Sábios em Israel*, São Paulo: Loyola, 2011, 2a. ed., p. 38-46.

⁸ Elencamos aqui apenas as obras que serviram de referência para os cristãos propagarem a universalidade da fé.

a) *Sirácida ou Eclesiástico*

Tradução grega de um livro originalmente escrito em hebraico por *Jesus filho de Sirac*⁹. O prólogo grego, escrito pelo neto do autor, informa-nos que a obra foi traduzida no Egito no trigésimo oitavo ano do rei Evergetes¹⁰, provavelmente Ptolomeu VII que reinou 170-117 a.C.

Os temas do *Sirácida* tendem a ser universais e são guias para as relações humanas mais simples: servem para auxiliar os discípulos em matérias de saúde e de negócios, admoesta-los a manter sigilos (27,16) e a evitar a difamação (28,13 ss.). Há também um poema de louvor aos homens famosos dentre o povo de Israel, os heróis da fé (44,1– 50,24).

A sabedoria personificada é apresentada como um dom concedido por Deus aos seres humanos (1,7s) e, ao mesmo tempo, como alguém com atributos divinos: origem atemporal e misteriosa, habitação celeste, presença universal e vivificante (c. 24), medianeira entre Deus e o cosmo (Eclo 24,5s) e entre Deus e a humanidade (Eclo 24,8-10) e identificada com a Lei (Eclo 1,26; 6,37; 15,12; 19,20).

b) *Sabedoria de Salomão*¹¹

Escrito originalmente em grego sob o título *Sophia Salomonos*, tem como autor um judeu da diáspora, versado na língua grega, que assimilou a cultura helenística, as formas literárias clássicas, as ciências (7,17-20), o culto da beleza (13,3.7) e da arte (14,19s), as disputas esportivas (4,2; 10,12) etc.

O autor demonstra sentimentos benévolos para com os gentios, todavia está solidamente ancorado na tradição religiosa de Israel. É um convicto monoteísta, tem horror ao politeísmo e à idolatria, despreza o laxismo e a imoralidade dos pagãos. Sente orgulho de pertencer ao povo eleito (18,3), que recebeu as promessas e a Aliança (12,21) e que foi preservado da idolatria (15,4) para iluminar o mundo com a Lei (18,4). Dessa forma, não obstante a cultura grega se sobressaía pela variedade dos sistemas filosóficos e pela arte, a sabedoria de Israel é muito superior a tudo isso porque provém do Deus único verdadeiro e, portanto, os judeus não tinham porque invejar os gentios.

O livro da Sabedoria foi muito utilizado pelos autores do Novo Testamento, exercendo uma notável influência sobre o epistolário paulino e a literatura joaneia.

c) *Obras de Filon de Alexandria (25 a.C. - 50 d.C.)*

Pertence, em certo sentido, aos judeus historiadores helenistas. Foi um importante apologista do judaísmo perante a cultura grega, apresentando-o como uma tradição venerável da antiguidade que, longe de ser um culto bárbaro de uma tribo nômade oriental, como pensavam alguns gentios, ao contrário, com sua doutrina monoteísta os judeus haviam antecipado os princípios da filosofia helenista. Filon apresenta os costumes judaicos, considerados pelos gregos como primitivos ou exóticos, através de metáforas como *circuncisão do coração* na busca da virtude, e a razão (logos) e a sabedoria (sophia) como emanções do Deus de Israel.

O Alexandrino assumiu a tarefa de mostrar como Deus tinha constituído o mundo material e espiritual através dos Patriarcas e da Lei mosaica (De Opificio Mundi; De Abrahamo e De Vita Mosis)¹². Conforme Filon, Abraão teria sido um modelo de filósofo judeu alexandrino. O

⁹ NICKELSBURG, George W. E. *Literatura Judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*, São Paulo: Paulus, 2011, p. 116-138.

¹⁰ Provavelmente em 132 a.C, conforme a maioria dos estudiosos.

¹¹ VÍLCHEZ LÍNDEZ, José, p. 231-258.

¹² SKA, Jean-Louis. *Abraão e seus hóspedes: o patriarca e aqueles que creem no Deus único*, São Paulo: Loyola, 2009, p. 44-48.

primeiro patriarca era muito diferente dos judeus de Israel, porque sua fidelidade não era primeiramente à Lei mosaica, mas à Lei natural inscrita na consciência humana e descoberta pela contemplação filosófica.

Para mostrar a superioridade da sabedoria dos judeus, Fílon descreve a educação de Moisés. Seus instrutores egípcios teriam lhe ensinado aritmética, geometria e filosofia (De Vita Mosis I,23-24), disciplinas que constituem a educação do rei-filósofo no livro *A República* de Platão.

d) *Obras de Flávio Josefo (37 – 100 d.C.)*

Historiador judeu que relatou a destruição do templo de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C. Sua obra *Antiguidades Judaicas*¹³ é uma narrativa da história dos judeus desde o seu início até o tempo no qual vivia o autor. Essa obra foi escrita com o objetivo de conseguir o respeito dos eruditos romanos para com os judeus.

Com finalidade apologética, Flávio Josefo consagra onze capítulos das *Antiguidades Judaicas* à figura de Abraão. Apresenta-o como um filósofo muito sábio. O patriarca teria descoberto o monoteísmo contemplando os astros. Ele também teria sido um precursor das ciências, pois teria ensinado aos sábios do Egito a astrologia (astronomia) e a aritmética.

3.2. Literatura de resistência

Em 198 a.C. deu-se início o domínio selêucida sobre a terra de Israel. Para os judeus, a pior fase dessa dominação foi o período governado por Antíoco IV, cognominado Epifanes (187-175). Antíoco IV chegou ao poder após uma fase conturbada de dívidas com Roma, de revoltas dos súditos por causa dos altos impostos e de assassinatos pela sucessão ao trono.

O novo soberano estava determinado a resgatar a perda de prestígio e de poder militar, econômico e territorial. Para fortalecer os laços políticos, religiosos e sociais, resolveu impor a religião e a cultura helênica, entrando em um conflito violento com os judeus anti-helênicos de Judá. Nessa época, novos textos foram acrescentados em alguns livros bíblicos com o objetivo de manter a fidelidade à aliança.

a) *O livro de Ester*¹⁴

A obra exalta uma heroína judia que salva o povo da perseguição e se deleita com a vitória judaica sobre o inimigo. A referência aos judeus dispersos (Est 3,8) denuncia um substrato do período grego. Além disso, o enredo é um lembrete, ao povo fustigado pelas grandes potências, da possibilidade sempre presente de perseguição por um tirano, não necessariamente um rei, mas por qualquer um que exerça algum poder. Os textos acrescentados a esse livro tem o objetivo dar informações adicionais e maior enfoque ao drama interior vivenciado por Ester.

b) *Zc 9-11*¹⁵

Outro exemplo é um acréscimo ao livro de Zacarias. O trecho de Zc 9,1-8 parece ser o registro da campanha de Alexandre Magno na Síria e na terra de Israel em 332. Há uma referência específica, em Zc 9,3, a uma rampa construída pelos soldados de Alexandre no cerco a Tiro. Os gregos são especificamente mencionados em 9,13.

¹³ SKA, Jean-Louis, p. 41-43.

¹⁴ NICKELSBURG, George W. E, p. 387-391.

¹⁵ BOGGIO, Giovanni. *Joel, Baruc, Abdias, Ageu, Zacarias, Malaquias: os últimos profetas*, São Paulo: Paulus, 1995, p.79-96.

c) *O livro de Daniel*

Apesar de essa obra ter sofrido acréscimos posteriores, ela já surgiu no contexto da dominação helênica. Escrito por um grupo de judeus, em torno de um mestre, do qual o livro recebeu o título, o livro de Daniel é o principal expoente de um tipo de literatura, a apocalíptica, que tem por objetivo a resistência contra a dominação estrangeira. A obra surgiu por volta de 167-164 a.C. durante a perseguição de Antíoco Epífanes, mas esse acontecimento foi estrategicamente transportado para uma época anterior, o império babilônico¹⁶.

A narrativa começa com o exílio da Babilônia, durante o qual alguns jovens pertencentes a famílias nobres judaicas são instruídos na sabedoria local, com o objetivo de servirem ao rei. Mas, o monarca mandou fazer uma estátua de ouro à qual os dignitários do reino deveriam adorar na cerimônia de inauguração. Quatro jovens judeus se recusaram a prestar culto à estátua e foram lançados em uma fornalha ardente, mas saíram ilesos por causa da proteção divina (Dn 3,1-30).

Outro relato que denuncia os conflitos com Antíoco IV é o episódio no qual o rei decreta uma proibição de se adorar qualquer deus durante trinta dias. Daniel desobedece e é lançado aos leões, que nada lhe fazem. O rei reconhece o milagre e exige que todos os súditos adorem o Deus de Israel (Dn 6,2-29).

Enfim, o livro de Daniel é o expoente de uma literatura de resistência que visa manter a fé em momentos de grandes perseguições. A obra deseja incutir no leitor que, apesar de todas as dificuldades, quem é justo e reto sempre sairá ileso e o império opressor terá que reconhecer o poder de seu Deus. Tudo gira em torno da guerra entre o império opressor e o povo eleito, terminando com a vitória de Deus através de Israel sobre todas as nações da terra e a instauração do reino que não terá fim¹⁷.

d) *Os livros de Macabeus*

Também os livros dos Macabeus se configuram como literatura de resistência ao helenismo. Não sofreram acréscimos e tudo indica que não se trata de uma tradução, pois devem ter surgido originalmente em idioma grego. O Primeiro livro dos Macabeus¹⁸ foi escrito, provavelmente, em torno do ano 100 a.C. e narra a campanha de Antíoco IV para impor a helenização sobre os judeus e a consequente sublevação daqueles que se mantiveram fieis às tradições religiosas dos antepassados. Matatias e seus filhos se convertem nos autores principais da unificação do povo em resistência contra os planos do dominador estrangeiro.

Contrário ao que se pensa o Segundo livro dos Macabeus¹⁹ não é a continuação do primeiro. Escrito entre os anos entre 125 e 63 a.C. o livro tem por objetivo enfatizar o templo de Jerusalém sem, contudo, relatar a rebelião contra os gregos. Seu centro é a Festa da Dedicção do Templo após sua restauração e a interminável luta para manter pura a religião monoteísta. Algumas doutrinas presentes nesse livro estarão presentes nos textos do Novo Testamento como a interseção dos fieis e a ressurreição da carne.

¹⁶ NICKELSBURG, George W. E, p. 162-173.

¹⁷ Alguns textos em grego foram posteriormente acrescentados à tradução do livro: a oração de Azarias e o cântico dos três jovens (Dn 3,24-90); a História de Susana (Dn 13) e a História de Bel e o Dragão (Dn 14). NICKELSBURG, George W. E, p. 62-70.

¹⁸ NICKELSBURG, George W. E, p. 209-215.

¹⁹ NICKELSBURG, George W. E, p. 216-223.

Conclusão: implicações ulteriores

Tanto a abertura dos judeus helenistas aos gentios quanto o fechamento dos judeus da Terra de Israel esteve presente no início do cristianismo. As tensões entre Jesus e seus contemporâneos era resultante de um modo de compreender as pessoas como puras ou impuras, tanto por parte dos “ortodoxos” de Jerusalém quanto pelos galileus. As querelas entre Paulo de Tarso e os judaizantes sobre o ingresso de gentios na comunidade cristã, sem a exigência da circuncisão, também é decorrente dessas antigas tensões.

Além disso, a literatura da diáspora helenista foi bastante retomada e aprofundada pelo cristianismo das origens. Contudo, os textos do Novo Testamento fazem o meio termo entre a condenação e a assimilação da cultura helênica pelos judeus. A literatura neotestamentária, ao contrário do que muitos pensam, não é totalmente helênica, mas condena várias práticas gentílicas (como a degradação familiar, sexual e social) como bem demonstram as cartas atribuídas a Paulo e as cartas universais. Mesmo quando o Novo Testamento se serve da LXX e das doutrinas e do universalismo dos livros produzidos pela literatura da diáspora helenista, não pretende transformar Jesus em um filósofo ou herói grego como fizeram os helenistas com as figuras de Abraão e de outros personagens do Antigo Testamento.

A literatura patrística, o desenvolvimento da reflexão cristológica nos concílios e na elaboração dos dogmas nos períodos subsequentes da história, também foram herdeiros não somente da produção literária da diáspora helenista, mas também da abertura ao diálogo com a cultura grega e latina e, enfim, com o contexto histórico no qual a mensagem de Jesus deveria ser explicitada.

Bibliografia

BOGGIO, Giovanni. *Joel, Baruc, Abdias, Ageu, Zacarias, Malaquias: os últimos profetas*, São Paulo: Paulus, 1995.

CALABI, Francesca. *História do Pensamento judaico-helenístico: com uma contribuição de Romano Penna sobre ‘A literatura canônica do movimento cristão’*, São Paulo: Loyola, 2013.

DORIVAL, Gilles; Marguerite HARL e Olivier MUNNICH. *La Bible grecque des Septante: du judaïsme hellénistique au christianisme ancien*, Paris: Cerfs, 1988.

HOLLAND, Tom. *Fogo Persa: o primeiro império mundial e batalha pelo Ocidente*, Rio de Janeiro: Record, 2008.

NICKELSBURG, George W. E. *Literatura Judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*, São Paulo: Paulus, 2011.

RAINER, Kessler. *História Social do Antigo Israel*, São Paulo: Paulinas, 2009.

SKA, Jean-Louis. *Abraão e seus hóspedes: O patriarca e aqueles que creem no Deus único*, São Paulo: Loyola, 2009.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e Sábios em Israel*, São Paulo: Loyola, 2011, 2a. ed.

Direitos autorais